

Ciro sobe e há uma crise no staff...

Como em 1994 e em 1998, metade dos eleitores só deve se definir na reta final da disputa

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

Katia Guimarães e André Barrocal
de Brasília

Continuação da página A-1

Tendência ao declínio, também, foi captada na pesquisa do Ibope sobre a candidatura de Anthony Garotinho, do PSB. Ele caiu dois pontos percentuais em uma semana (de 12% para 10%).

As variações nas posições dos candidatos Lula, Serra e Garotinho estão dentro da margem de erro prevista nessa sondagem (2,2 pontos percentuais). A exceção é **Ciro** cujo avanço está consolidado.

Confirma-se, também, um quadro de indefinição eleitoral, pelo menos em relação ao segundo lugar na preferência dos eleitores. Isso porque cerca de metade dos 115 milhões de brasileiros aptos para ir às urnas em outubro ainda não definiu o voto e, demonstram as recentes pesquisas, só tendem a fazê-lo na reta final da campanha, a exemplo do que ocorreu nas eleições de 1994 e 1998.

Na prática, a luta dos candidatos pela conquista do eleitorado mal começou. Há menos de duas semanas eles saíram às ruas, à cata de votos, e sua primeira exposição na televisão — depois dos programas

partidários — ocorreu na semana passada, em telejornais da Rede Globo de Televisão. Pela pesquisa do Ibope, um em cada dois eleitores não assistiu às entrevistas individuais dos principais candidatos à Presidência da República.

A crise no comando da campanha do candidato do governo provocou a convocação de uma reunião de emergência, para hoje à tarde. Dela participarão, além de Serra, líderes do PSDB, PMDB, PPB e pelo menos dois integrantes do PFL: o vice-presidente da República, Marco Maciel, e os governadores do Piauí, Hugo Napoleão, e do Paraná, Jaime Lerner, além do líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE).

As queixas são muitas e mútuas. O deputado federal Geddel Vieira Lima reclama, por exemplo, de ter sido avisado em cima da hora que Serra visitaria a Bahia. Ontem cobrou participação mais direta do presidente Fernando Henrique.

O coordenador-geral da campanha de Serra, deputado Pimenta da Veiga, não gostou. Deixou isso claro em conversa com jornalistas que lhe perguntaram sobre a posição de Geddel: “Vocês querem uma participação maior do Fer-

nando Henrique do que a que ele está tendo? Não vamos exigir que o Fernando Henrique faça pela candidatura de Serra o que ele não fez por sua própria candidatura em 1998. O governo não será posto a serviço da candidatura de Serra”.

O presidente do PMDB, deputado Michel Temer, entrou no confronto. Disse considerar “correta” a posição crítica assumida por Geddel. “É preciso organizar a campanha”, acrescentou, reclamando, por exemplo, que a desordem é tal que mesmo aliados estaduais de Serra desconhecem a agenda e as viagens do candidato. Geddel completou: “É, realmente, é preciso fazer alguns ajustes”.

Líder do PMDB na Câmara, Geddel passou parte da tarde de ontem repetindo exemplos de suposta desorganização na campanha do candidato do governo, como a visita de Serra a Barreiras, no interior da Bahia, no último sábado. Os dirigentes do PMDB estão preocupados com dificuldades criadas pela equipe do próprio candidato.

Contam, entre outras coisas, que assessores de Serra não deixaram que prefeitos do interior de São Paulo subissem ao seu palan-

que, durante um comício na cidade de Barretos, interior paulista. “Alegaram que o palanque estava muito cheio”, ironizou Temer.

Na Paraíba, também houve problemas. Assessores de Serra não queriam que os políticos locais embarcassem em seu avião para a viagem entre João Pessoa e o interior do Estado. Acabou sendo convencido por Cássio Cunha Lima, candidato do PSDB ao governo da Paraíba. Lima disse-lhe que era melhor chegar ao município de Patos acompanhado de nomes conhecidos na região. Sugeriu ainda que, ao encontrar os líderes regionais, o candidato presidencial estendesse a mão, em cumprimento firme, olhando-os diretamente nos olhos, seguindo a tradição local.

Coordenador da campanha, Pimenta da Veiga, tentava contemporizar: “Campanha é veloz, às vezes não se tem tempo para programar tudo. Eleições anteriores já foram assim”. Em outros momentos ironizava: “Quem não tem experiência política, até pode se perturbar com pesquisas, o que não é o nosso caso”. Quando citavam o último Ibope, dissimulava: “Os números do fim de setembro e começo de outubro é que contam”.